

TERRY GOODKIND

A PEDRA DAS LÁGRIMAS

Parte I

Traduzido por
Ângelo dos Santos Pereira

Capítulo 1

Rachel apertou a boneca contra o peito e fitou a silhueta negra que a observava por entre os arbustos. Pelo menos era isso que lhe parecia – que a observava –, embora fosse difícil ter a certeza, pois os seus olhos eram tão negros como o resto do corpo, exceto quando a luz se refletia neles e emitiam um brilho dourado.

A pequena já avistara muitos animais na floresta – coelhos, guaxinins e esquilos – mas aquela criatura era bastante maior, talvez até maior do que ela. Era provável que fosse um urso, uma vez que tinham pelo preto.

Contudo, Rachel não se encontrava na floresta, mas no interior de um palácio. Era a primeira vez que via um bosque dentro de quatro paredes. Viveriam ali os mesmos animais que numa floresta a sério?

Teria morrido de medo se Chase não estivesse ao seu lado, mas com ele por perto sabia que estava a salvo, pois não existia ninguém mais forte do que aquele homem. Ainda assim, não conseguia deixar de se sentir um pouco assustada. Chase costumava afirmar que ela era a menina mais corajosa do mundo, pelo que não podia desiludi-lo.

Afinal, talvez fosse apenas um coelho grande agachado em cima de uma rocha ou de um cepo.

Mordeu com força o pé da boneca.

Então virou-se para o caminho verdejante repleto de flores formosas e muretes cobertos de trepadeiras e fitou Chase, que conversava animadamente com Zedd, o velho feiticeiro. Estavam diante de três pequenas caixas pousadas sobre um altar em pedra e tentavam decidir o que fazer com elas. Rachel sentiu-se feliz, pois sabia o que aquilo significava: Darken Rahl fora derrotado e não voltaria a magoar ninguém.

Voltou-se novamente e, constatando que a silhueta negra desaparecera, perscrutou os arredores, mas não viu nada.

– Sara, para onde é que aquilo foi? – sussurrou.

A boneca não lhe respondeu. Rachel tornou a morder-lhe o pé, agora com mais força, e regressou para junto de Chase. Embora sentisse uma enorme vontade de fugir, não queria dar-lhe motivos para duvidar da sua coragem. Gostava tanto de ouvir os seus elogios! Enquanto caminhava, olhou várias vezes por cima do ombro, mas não havia sinais do misterioso animal.

Mal se aproximou de Chase, agarrou-se a uma das suas pernas. Sabendo que era falta de educação interromper os adultos, enfiou o pé de Sara na boca e esperou.

– O que é que aconteceria se te limitasses a fechar a tampa? – perguntava Chase ao feiticeiro.

– Sei lá! – exclamou Zedd, levando os braços ao céu e abanando os longos cabelos brancos. – Não sou nenhum adivinho! Lá por conhecer a natureza destas caixas não significa que tenha de saber o que fazer com elas agora que o Darken Rahl abriu uma. A magia de Orden tirou-lhe a vida e também poderia ter destruído o mundo. Se eu fechar a caixa corro o risco de morrer ou de provocar alguma coisa ainda pior...

– Não podemos deixá-las assim – suspirou Chase.

De semblante franzido, o feiticeiro analisou as caixas. Após um longo minuto de silêncio, Rachel puxou a manga do guardião fronteiriço, que baixou os olhos na sua direção.

– Chase...

– Chase? Esqueceste-te das regras? – O colosso colocou as mãos nas ancas e fingiu-se chateado. Rachel deu uma gargalhada e agarrou-se ainda mais à sua perna. – És minha filha há várias semanas e já comesas a desobedecer-me? Deves tratar-me por «pai»! Não permito que nenhum dos meus filhos me chame «Chase», percebeste?

– Sim, Cha... pai.

O guardião fronteiriço revirou os olhos e sacudiu a cabeça antes de despentear o cabelo da menina.

– O que é que se passa, querida?

– Há um animal escondido entre as árvores. Pode ser um urso ou coisa pior. É melhor ires dar uma olhadela...

– Um urso? Aqui dentro? – Chase riu-se. – Estamos num jardim interior, Rachel, não há cá ursos. É provável que tenhas sido enganada pela luz.

– Acho que não, Cha... pai – insistiu a menina. – Vi-o a olhar para mim!

Chase esboçou um sorriso, tornou a despenteá-la, fez-lhe uma festa na cara ao de leve e puxou Rachel para si.

– Nesse caso, fica junto de mim e esse animal não se atreverá a incomodar-te.

Rachel assentiu, ainda com o pé de Sara na boca e, sentindo-se mais segura, perscrutou novamente a vegetação.

Escondida atrás de um murete, a criatura negra aproximava-se lentamente. A menina mordeu o pé da boneca, gemeu e ergueu os olhos para Chase, que apontava para o altar.

– E aquela joia... ou pedra ou lá o que é... Saiu de dentro da caixa?

– Sim – respondeu Zedd. – Mas não sei ao certo o que é.

– Pai – gemeu Rachel –, está a aproximar-se!

– Sim, sim... – disse o guardião fronteiro distraidamente. – Vigia-o por mim, está bem? – Tornou a cravar os olhos no feiticeiro. – Como assim, não sabes ao certo? Tem alguma coisa a ver com aquela história do véu que separa o reino dos mortos do mundo dos vivos?

Zedd esfregou o queixo com a ponta dos dedos esqueléticos e contemplou pensativamente a pedra negra pousada à frente da caixa aberta.

– É precisamente isso que temo...

Rachel tentou perceber onde o animal se encontrava e estremeceu quando entreviu uma pata, com unhas compridas e encurvadas, agarrar-se à berma do murete. Levantou a cabeça para confirmar se Chase usava armas suficientes. O guardião fronteiro trazia uma multidude de facas à cintura, um enorme machado e diversas clavas, e às costas carregava ainda uma grande espada e uma besta. Porém, ao contrário do que costumava acontecer com os demais, a criatura não parecia assustada face aos instrumentos mortíferos. Quanto ao feiticeiro, nem sequer trazia um punhal para se defender. E era tão esquelético... O oposto de Chase! Mas os feiticeiros tinham poderes: talvez a sua magia afugentasse a criatura negra.

Magia! Rachel recordou-se subitamente do fósforo mágico que o feiticeiro Giller lhe dera. Enfiou a mão no bolso e pegou nele, decidida a ser corajosa no caso de Chase precisar de ajuda. Não permitiria que aquela criatura fizesse mal ao seu novo pai!

– Esta gema é perigosa? – questionou o guardião fronteiriço.

Zedd fitou-o e franziu o sobrolho.

– Se for o que eu penso que é, e se cair nas mãos erradas, «perigosa» seria uma designação simpática.

– Nesse caso, porque é que não a destruímos?

– Nada disso! Podemos vir a precisar dela.

– Então temos de a esconder.

– Sim, essa seria a melhor solução. Mas onde? Existem também outras dificuldades... Preciso de levar a Adie a Aydindril e estudar as profecias com ela antes de decidir o que fazer com a pedra negra e as caixas.

– O que sugeres, entretanto?

Rachel continuava a vigiar o misterioso animal, que se encontrava a pouquíssimos metros de distância. Com as garras presas à berma, viu-o espreitar por cima do murete, fitá-la e sorrir, revelando uns dentes afiados.

Ficou sem respiração. Os ombros começaram a tremer-lhe e os seus olhos arregalaram-se. A criatura estava a rir-se! Sentiu as pancadas do seu coração ecoarem-lhe nos ouvidos.

– Pai... – gemeu.

Sem sequer olhar para ela, Chase fez-lhe sinal para que se calasse. Sempre a sorrir, a criatura transpôs o murete. Depois estudou o guardião fronteiriço e o feiticeiro e agachou-se, ao mesmo tempo que emitia um sibilo divertido.

Rachel puxou pelas calças de Chase e esforçou-se por falar, apesar de ter um nó na garganta.

– Pai, está aqui!

– Obrigado, querida. Zedd, ainda não sei...

Lançando um uivo, a criatura atacou. Corria tão depressa que apenas se conseguia ver uma sombra escura.

Rachel gritou. A criatura atingiu Chase, fazendo-o cair, e precipitou-se sobre Zedd.

O feiticeiro agitou os braços. Da ponta dos seus dedos surgiram vários relâmpagos que fizeram ricochete na pele do monstro. À semelhança do que sucedera com Chase, foi projetado e acabou no chão.

Então, rindo de forma ruidosa, a criatura voltou a saltar para cima do guardião fronteiriço, que conseguira pegar no machado, e arrancou-lhe a arma das mãos.

Rachel gritou quando as terríveis garras se espetaram na carne de Chase. Nunca conhecera um ser tão rápido como aquele: movia-se tão depressa que mal se distinguiam os golpes. Ao perceber que o guardião fronteiro estava em sofrimento, ficou aterrorizada. Apertou o fósforo mágico entre os dedos e, saltando para a frente, aproximou-o das costas do monstro.

– Acende para mim! – gritou.

A criatura negra foi imediatamente envolvida pelas chamas, emitiu um grito horrível e virou-se para trás. Com a boca completamente aberta, começou a rir, mas não do modo como as pessoas costumam fazer quando se deparam com algo divertido. Aquele era um riso tenebroso, capaz de eriçar os cabelos da nuca.

Assim que o monstro se precipitou sobre a menina, Chase atirou-lhe uma das suas maçãs, cravando-lha no ombro. A criatura virou-se para o guardião fronteiro e, não deixando de rir, arrancou a arma e lançou-se contra ele. Entretanto, Zedd conseguira levantar-se e dos seus dedos saíram línguas de fogo que inflamaram ainda mais o monstro.

Ao som de gargalhadas trocistas, o fogo extinguiu-se. Quando o fumo dissipou, a criatura reapareceu como se nada tivesse acontecido. Com efeito, já antes de Rachel lhe ter pegado fogo ostentava um aspeto queimado.

Chase, coberto de sangue, pôs-se em pé. Ao vê-lo naquele estado, Rachel não conseguiu conter as lágrimas. O guardião fronteiro, ignorando a dor, apoderou-se da besta e, com uma velocidade abismal, disparou. O projétil enterrou-se no ombro do monstro que, gargalhando, o arrancou.

Chase largou a besta, desembainhou a espada e tentou ferir a criatura, mas esta movia-se muitíssimo depressa. Então, Zedd fez algo que projetou o monstro para o chão. Parecia ter sido atingido por um aríete invisível.

De espada em punho, o guardião fronteiro colocou-se diante de Rachel.

O monstro levantou-se e avaliou os três adversários.

– Recuem! – ordenou Zedd. – Não fiquem parados, mas não corram!

Chase agarrou o pulso de Rachel e começou a recuar. O feiticeiro imitou-o. Desconcertada, a criatura parou de rir e observou-os. O guardião fronteiro arquejava. A sua túnica de couro e a sua cota de malha exibiam vários rasgões. Rachel sentiu vontade de chorar ao ver a quantidade de sangue que lhe escorria pelo braço. Adorava Chase e não queria que lhe

acontecesse nada de grave. Em pânico, apertou Sara e o fósforo mágico com mais força.

– Continua a recuar! – indicou Zedd ao guardião fronteiro.

O feiticeiro imobilizou-se. A criatura seguiu-o com os olhos e um sorriso reapareceu-lhe na boca, revelando os dentes afiados. Deu novamente uma gargalhada horripilante e atacou.

Zedd ergueu as mãos. Envolto num turbilhão de erva e de terra, o monstro foi impelido para trás, sendo atingido por raios azuis antes de tocar no chão. Caiu pesadamente, o que não o impediu de soltar uma gargalhada atroadora.

A criatura voltou a levantar-se. Foi então que algo aconteceu: por algum motivo, ficou parada, com os braços esticados, como se quisesse correr e não pudesse. Apesar dos seus inúmeros esforços, não foi capaz de se mexer um só milímetro.

O feiticeiro moveu os braços em círculos antes de os erguer bruscamente. O chão estremeceu como se tivesse sido atingido por um relâmpago e vários raios brancos fizeram a criatura cambalear. Esta riu-se com mais intensidade.

Ouviu-se um ruído seco, como o de um ramo a partir-se, e o monstro precipitou-se de novo sobre o seu oponente.

Zedd recuou alguns passos. A criatura parou e franziu o sobrolho. Então, o feiticeiro levantou os braços e lançou uma terrível bola de fogo na direção do agressor. A bola foi crescendo à medida que se aproximava do alvo.

O impacto foi tão violento que fez o chão estremecer outra vez. Ofuscada por aquela explosão de luz azul e amarela, Rachel teve de fechar as pálpebras.

A bola de fogo envolveu o monstro, mas este emergiu das chamas soando mais trocista do que nunca.

– Caramba! – praguejou o feiticeiro.

Rachel e Chase estavam muito perto das portas do jardim. Zedd continuou a recuar, mas assim que se imobilizou a criatura lançou-se de novo ao ataque.

Uma parede de fogo barrou-lhe a passagem. O ar cheirava a fumo. Rugindo, o monstro atravessou as chamas. Zedd fez surgir uma segunda parede que, à semelhança da primeira, não deteve a criatura.

Quando o feiticeiro começou a recuar, o monstro parou ao lado de um muro coberto de hera e pôs-se a observá-lo com toda a atenção. As trepadeiras afastaram-se então do muro e rodearam a criatura, que se mantinha quieta.

Finalmente, Zedd conseguiu aproximar-se de Chase e Rachel.

– Qual é o teu plano? – indagou o guardião fronteiroço.

– Vamos tentar encarcerar aquela coisa aqui – retorquiu Zedd, com ar cansado.

Sem perderem tempo a observar a luta da criatura contra as trepadeiras, transpuseram o grande umbral e fecharam as pesadas portas de ouro.

Do outro lado ouviu-se um grito seguido de um ruído ensurdecedor. Projetado para trás por uma amolgadela que se formou no metal, Zedd aterrou pesadamente de costas.

Com uma mão em cada porta, Chase recorreu a todas as suas forças para repelir a carga do monstro.

A criatura não cessava de arranhar, produzindo um terrível som metálico. O guardião fronteiroço estava coberto de sangue e suor. Zedd levantou-se prontamente e correu, a fim de o ajudar a manter as portas fechadas.

Uma garra introduziu-se entre os dois batentes e abriu espaço para outra, em baixo. Rachel ouviu o riso histérico da criatura. Grunhindo como um urso, Chase tentava resistir, mas o metal rangia cada vez mais.

O feiticeiro recuou e esticou os braços, colocando as palmas para a frente como se pretendesse empurrar o ar. Os rangidos cessaram de imediato e o monstro gritou de raiva.

– Saiam daqui! – ordenou Zedd, puxando Chase pela manga.

– Achas que será suficiente para o deter?

– Duvido. Se for atrás de vocês, caminhem normalmente. Não podem é correr ou ficar quietos, porque isso atrai a sua atenção. Di-lo a todas as pessoas que encontrases.

– Zedd, que criatura é esta?

Houve um ruído surdo e uma segunda amolgadela deformou o metal. As extremidades das garras atravessaram uma das portas e começaram a despedaçá-la.

– Saiam daqui! Depressa! – gritou o feiticeiro.

Chase passou um braço à volta da cintura de Rachel, pegou-lhe e desatou a correr pelo corredor afora.